



Atena
Editora
Ano 2021



A Pesquisa em Psicologia:

Contribuições para o
Debate Metodológico



Ezequiel Martins Ferreira
(Organizador)



Atena
Editora
Ano 2021



A Pesquisa em Psicologia:

Contribuições para o
Debate Metodológico



Ezequiel Martins Ferreira
(Organizador)

Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremo

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da Capa

Shutterstock

Edição de Arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os Autores

2021 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2021 Os autores

Copyright da Edição © 2021 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof. Dr. Arinaldo Pereira da Silva – Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Jayme Augusto Peres – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Daniela Reis Joaquim de Freitas – Universidade Federal do Piauí
Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Elizabeth Cordeiro Fernandes – Faculdade Integrada Medicina
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Fernando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Fernanda Miguel de Andrade – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Dr. Fernando Mendes – Instituto Politécnico de Coimbra – Escola Superior de Saúde de Coimbra
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federacl do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Welma Emidio da Silva – Universidade Federal Rural de Pernambuco

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Profª Drª Ana Grasielle Dionísio Corrêa – Universidade Presbiteriana Mackenzie
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Cleiseano Emanuel da Silva Paniagua – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande

Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Marco Aurélio Kistemann Junior – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Sidney Gonçalves de Lima – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Edna Alencar da Silva Rivera – Instituto Federal de São Paulo
Profª Drª Fernanda Tonelli – Instituto Federal de São Paulo,
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná
Profª Drª Miraniide Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
Profª Ma. Adriana Regina Vettorazzi Schmitt – Instituto Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Alex Luis dos Santos – Universidade Federal de Minas Gerais
Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
Profª Ma. Aline Ferreira Antunes – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Amanda Vasconcelos Guimarães – Universidade Federal de Lavras
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Ma. Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa
Profª Drª Andrezza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia
Profª Ma. Anelisa Mota Gregoleti – Universidade Estadual de Maringá
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Me. Carlos Augusto Zilli – Instituto Federal de Santa Catarina
Prof. Me. Christopher Smith Bignardi Neves – Universidade Federal do Paraná
Profª Drª Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa

Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
Prof. Me. Edson Ribeiro de Britto de Almeida Junior – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Prof. Dr. Everaldo dos Santos Mendes – Instituto Edith Theresa Hedwing Stein
Prof. Me. Ezequiel Martins Ferreira – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Me. Fabiano Eloy Atilio Batista – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Prof. Me. Francisco Odécio Sales – Instituto Federal do Ceará
Prof. Me. Francisco Sérgio Lopes Vasconcelos Filho – Universidade Federal do Cariri
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Me. Givanildo de Oliveira Santos – Secretaria da Educação de Goiás
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFGA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Profª Ma. Lilian de Souza – Faculdade de Tecnologia de Itu
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Profª Drª Lúvia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Profª Ma. Luana Ferreira dos Santos – Universidade Estadual de Santa Cruz
Profª Ma. Luana Vieira Toledo – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof. Me. Luiz Renato da Silva Rocha – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Ma. Luma Sarai de Oliveira – Universidade Estadual de Campinas
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos

Prof. Me. Marcelo da Fonseca Ferreira da Silva – Governo do Estado do Espírito Santo
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior
Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará
Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Prof. Dr. Pedro Henrique Abreu Moura – Empresa de Pesquisa Agropecuária de Minas Gerais
Prof. Me. Pedro Panhoca da Silva – Universidade Presbiteriana Mackenzie
Profª Drª Poliana Arruda Fajardo – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Rafael Cunha Ferro – Universidade Anhembi Morumbi
Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Renan Monteiro do Nascimento – Universidade de Brasília
Prof. Me. Renato Faria da Gama – Instituto Gama – Medicina Personalizada e Integrativa
Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba
Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco
Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão
Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
Profª Ma. Taiane Aparecida Ribeiro Nepomoceno – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana
Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí
Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

A pesquisa em psicologia: contribuições para o debate metodológico

Bibliotecária: Janaina Ramos
Diagramação: Maria Alice Pinheiro
Correção: Giovanna Sandrini de Azevedo
Edição de Arte: Luiza Alves Batista
Revisão: Os Autores
Organizador: Ezequiel Martins Ferreira

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

P474 A pesquisa em psicologia: contribuições para o debate metodológico / Organizador Ezequiel Martins Ferreira. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2021.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5983-016-9

DOI 10.22533/at.ed.169210605

1. Psicologia. I. Ferreira, Ezequiel Martins (Organizador). II. Título.

CDD 150

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa.

APRESENTAÇÃO

A coletânea *A Pesquisa em Psicologia: Contribuições para o Debate Metodológico*, reúne vinte e dois artigos que abordam algumas das possibilidades metodológicas do saber psicológico.

A Psicologia enquanto campo teórico-metodológico traz em suas raízes tanto a especulação filosófica sobre a consciência, a investigação psicanalítica do inconsciente, quanto a prática dos efeitos terapêuticos da medicina e em especial da fisiologia.

E, desse ponto de partida se expande a uma infinidade de novas abordagens da consciência humana, creditando ou não algum poder para o inconsciente como plano de fundo.

A presente coletânea trata de algumas dessas abordagens em suas elaborações mais atuais como podemos ver nos primeiros capítulos em que se tratam do inconsciente em suas relações com os mitos, o erotismo, os corpos, as contribuições socioeducativas entre outros olhares para o que é abarcado pelo psiquismo humano.

Em seguida temos alguns temas situacionais de nossa realidade imediata quanto aos efeitos psicológicos do isolamento social e o medo da morte, assim como de uma, não tão nova, ferramenta para o tratamento psicológico que é o teleatendimento.

Uma boa leitura!

Ezequiel Martins Ferreira

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
DA METÁFORA, DO SONHO E DO MITO: APROXIMAÇÕES DE INCONSCIENTE Ezequiel Martins Ferreira DOI 10.22533/at.ed.1692106051	
CAPÍTULO 2	9
ESCRITORA E ESCRITURA: ANNE CÉCILE DESCLOS E SUA ESCRITA ERÓTICA COMO CARTA DE AMOR Elizabeth Fátima Teodoro Wilson Camilo Chaves DOI 10.22533/at.ed.1692106052	
CAPÍTULO 3	21
CONTRIBUIÇÕES DA PSICANÁLISE PARA O ATENDIMENTO SOCIOEDUCATIVO: RELATOS DA PRÁTICA Yliah Cavalcanti Sardinha Gabriel Monteiro da Fonseca Leal Maia Izabela dos Santos de Oliveira DOI 10.22533/at.ed.1692106053	
CAPÍTULO 4	32
UMA NOVA GEOGRAFIA DO CORPO: ESTÉTICA, SUBJETIVIDADE E CLASSE SOCIAL Joana de Vilhena Novaes DOI 10.22533/at.ed.1692106054	
CAPÍTULO 5	50
PERCEPÇÕES DE QUEIXA ESCOLAR DE JOVENS ADULTOS DE UM CURSINHO PRÉ- VESTIBULAR Isis Grazielle da Silva Ana Caroline Dias da Silva DOI 10.22533/at.ed.1692106055	
CAPÍTULO 6	58
A PSICOLOGIA CORPORAL NO TRATAMENTO DO MAL DO SÉCULO: DEPRESSÃO Estela Maris Lançonni Cantarelli Maria Márcia Soares José Henrique Volpi DOI 10.22533/at.ed.1692106056	
CAPÍTULO 7	66
AS BASES INTERDISCIPLINARES E TRANSDISCIPLINARES DA PESQUISA EM PSICOLOGIA ANALÍTICA: UM OLHAR PARA A TOTALIDADE DO INDIVÍDUO E DO MUNDO Leonard Almeida de Moraes DOI 10.22533/at.ed.1692106057	

CAPÍTULO 8.....	74
GRUPOS TERAPÊUTICOS EM CLÍNICA DE INTERNAÇÃO PSQUIÁTRICA EM HOSPITAL GERAL: POSSIBILIDADE DE ATUAÇÃO DO PSICÓLOGO	
Mariana Lopes de Almeida	
Arina Marques Lebrego	
João Bosco Monteiro	
DOI 10.22533/at.ed.1692106058	
CAPÍTULO 9.....	83
A ELABORAÇÃO DO LUTO NO CÔNJUGE LONGEVO E A SUA AUTONOMIA	
Francisca Sousa Vale Ferreira da Silva	
Patrícia Melo do Monte	
DOI 10.22533/at.ed.1692106059	
CAPÍTULO 10.....	90
A IMPORTÂNCIA DO ESCUTAR O SOFRIMENTO PSÍQUICO DE MULHERES HOSPITALIZADAS EM ENFERMIARIAS CARDIOLÓGICAS OU QUE SOFRERAM CIRURGIA CARDÍACA	
Suzana Lopes Ferreira	
DOI 10.22533/at.ed.16921060510	
CAPÍTULO 11.....	98
MÃES RECÉM NASCIDAS, SEUS BEBÊS, O BEBÊ QUE EXISTE EM TODO ADULTO E A CLÍNICA BIODINÂMICA	
Eliana Lemos Pommé	
DOI 10.22533/at.ed.16921060511	
CAPÍTULO 12.....	106
PROJETO DE INTERVENÇÃO EM PSICOLOGIA SOCIAL PARA PROMOVER ATIVIDADES DE RECREAÇÃO A IDOSOS EM ISOLAMENTO SOCIAL EM UM CENTRO DE VIVÊNCIA DA TERCEIRA IDADE DURANTE A PANDEMIA DO SARS-COV-2	
Carolina Soprani Valente Muniz	
Daniel Zanotti da Silva	
Raquel da Cunha Leite	
Laís Sudré Campos	
DOI 10.22533/at.ed.16921060512	
CAPÍTULO 13.....	119
DIAGNÓSTICO INSTITUCIONAL NA ELABORAÇÃO DO PLANO DE ENFRENTAMENTO EM SITUAÇÕES DE PANDEMIA	
Bárbara Bergozza	
Elenice Deon	
Karoliny Stefany Jost	
Christianne Leduc Bastos Antunes	
Eliana Sardi Bortolon	
Rosângela Andreoli Ortiz	
Thais Pinto Teixeira	
Sherol da Silva dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.16921060513	

CAPÍTULO 14.....	132
AUTOMEDICAÇÃO E EFEITOS PSICOLÓGICOS EM IDOSOS DURANTE O ISOLAMENTO SOCIAL	
Edivan Lourenço da Silva Júnior Luisa Fernanda Camacho Gonzalez	
DOI 10.22533/at.ed.16921060514	
CAPÍTULO 15.....	142
PLATAFORMAS COLETIVAS DE PSICOTERAPIA ON-LINE: UMA ANÁLISE QUALITATIVA	
Luísa Gianoni Marques Rafael Fontan Ottolia Nara Helena Lopes Pereira da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.16921060515	
CAPÍTULO 16.....	153
IMPACTOS PSICOSSOCIAIS EM MÃES CUIDADORAS DE FILHOS AUTISTAS	
Adriana Pagan Tonon Lais Rodrigues Fernando Luis Macedo	
DOI 10.22533/at.ed.16921060516	
CAPÍTULO 17.....	167
CULPADOS OU INOCENTES? ADOLESCENTES EM CUMPRIMENTO DE MEDIDA SOCIOEDUCATIVA DE INTERNAÇÃO: FATORES DE RISCOS PARA A INCIDÊNCIA DE ATOS INFRAACIONAIS	
Amanda Daysê Loureiro Serra e Silva Kalyandra Brandão de Carvalho Yloma Fernanda de Oliveira Rocha	
DOI 10.22533/at.ed.16921060517	
CAPÍTULO 18.....	179
ACOMPANHAMENTO PSICOLÓGICO DO SUJEITO SURDO NA EDUCAÇÃO SUPERIOR: DESAFIOS E POSSIBILIDADES	
Lidiane Jaqueline de Souza Costa Marchesan Juliana Corrêa de Lima Sílvia Maria de Oliveira Pavão	
DOI 10.22533/at.ed.16921060518	
CAPÍTULO 19.....	194
LIÇÕES DA PSICOLOGIA SOCIAL: CONTRIBUIÇÕES PARA O DEBATE METODOLÓGICO – UMA PERSPECTIVA CONSTRUTIVISTA	
Jeannette Leontina Navarro E. Oscar Edgardo N. Escobar	
DOI 10.22533/at.ed.16921060519	

CAPÍTULO 20.....	210
OLHAR PSICOLÓGICO NO ÂMBITO PROFISSIONAL: CONTRIBUIÇÕES E ATRIBUIÇÕES	
Bárbara Bergozza	
Karoliny Stefany Jost	
Jéssica Piovesan	
Christianne Leduc Bastos Antunes	
Eliana Sardi Bortolon	
Rosângela Andreoli Ortiz	
Sherol da Silva dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.16921060520	
CAPÍTULO 21.....	226
ATUAÇÃO DE ESTÁGIO EM PSICOLOGIA NO RH DE UMA EMPRESA: ETAPAS DE PROCESSO SELETIVO	
Simone Vieira Campos	
Gledson Lima Alves	
DOI 10.22533/at.ed.16921060521	
CAPÍTULO 22.....	238
A ORIENTAÇÃO PROFISSIONAL E O COACHING DE CARREIRA: SIMILARIDADES E DIFERENÇAS	
Rafaela Roman de Faria	
Camila Marochi Telles	
DOI 10.22533/at.ed.16921060522	
SOBRE O ORGANIZADOR.....	249
ÍNDICE REMISSIVO.....	250

CAPÍTULO 4

UMA NOVA GEOGRAFIA DO CORPO: ESTÉTICA, SUBJETIVIDADE E CLASSE SOCIAL

Data de aceite: 27/04/2021

Data de submissão: 14/02/2020

Joana de Vilhena Novaes

Profa. do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Psicanálise, Saúde e Sociedade da Universidade Veiga de Almeida
Rio de Janeiro – RJ
Coordenadora do Núcleo de Doenças da Beleza da PUC-Rio
<http://lattes.cnpq.br/6639140506792844>

RESUMO: O corpo tomou conta do nosso imaginário de forma nunca antes vista. Conquista práticas e discursos, define normas de comportamento, regula nossas ações cotidianas e determina padrões de inclusão e exclusão social – alguns deles socialmente validados. A gordura, associada à feiura, é uma das formas mais presentes de exclusão social feminina e vem constituindo o eixo central da minha produção acadêmica, ao refletir quais as ressonâncias de tal afirmação em diferentes classes sociais. Esse artigo é fruto de minha pesquisa de pós-doutorado em Psicologia Social, realizada na UERJ e financiada pela FAPERJ. Nele busco dar continuidade à investigação sobre os usos do corpo e as diferentes formas de sociabilidade, no tocante à estética corporal das camadas populares. Trata, pois, de uma pesquisa contrastiva, que procurou entender a forma como mulheres de diferentes camadas sociais percebem e se relacionam com seus corpos. O desenvolvimento deste estudo partiu

da premissa de que os diversos significados e atribuições morais relativos ao corpo são decorrentes da multiplicidade de culturas em que o mesmo pode estar inserido. Da mesma forma, foi através da comparação entre o que é universal e as inflexões que esse corpo sofre de acordo com distintos sistemas de valores, que a aplicação das reflexões propostas nesta investigação demonstrou a sua pertinência.

PALAVRAS - CHAVE: Imagem corporal; estética; subjetividade; classe social; regulação social.

A NEW GEOGRAPHY OF THE BODY: AESTHETICS, SUBJECTIVITY AND SOCIAL CLASS

ABSTRACT: The body has taken over our social imaginary in a way never seen before. It conquers practices, defines norms of behavior, regulates our daily actions and determines patterns of inclusion and social exclusion – some of them socially validated. Fat, associated with ugliness, is one of the most present forms of female social exclusion and has been the central axis of my academic production, reflecting the resonances of such affirmation in different social classes. This article is the result of my postdoctoral research in Social Psychology, conducted at State University of Rio de Janeiro -UERJ and funded by Rio de Janeiro State Research Foundation - FAPERJ. In it I seek to continue the investigation on the uses of the body and the different forms of sociability, regarding the body aesthetics of the popular layers. It is, therefore, a contrasting research, which sought to understand how women from different social layers perceive and relate to their bodies. The development of this study started

from the premise that the various meanings and moral attributions attributed to the body are due to the multiplicity of cultures in which it may be inserted. that the application of the reflections proposed in this investigation demonstrated its relevance.

KEYWORDS: Body image; aesthetics; subjectivity; social class; social regulation.

1 | INTRODUÇÃO OU O CORPO E SUAS HISTÓRIAS

“Meu corpo é às vezes meu, uma vez que ele porta os traços de uma história que me é própria, de uma sensibilidade que é minha, mas ele contém, também, uma dimensão que me escapa radicalmente e que o reenvia aos simbolismos de minha sociedade”

A. Artaud

O corpo entrou em cena tornando-se um dos nossos mais importantes cartões de visita. Mas aí há uma diferença, este cartão não mais nos apresenta – ele nos representa. Em meio à “crise de valores”, ao “declínio da função paterna”, ao “desaparecimento das metanarrativas” e “da multidão solitária”, o corpo se torna um abrigo ou uma prisão. Espelho, um “outro” de si mesmo, com o qual podemos coabitar fraternal e prazerosamente ou de forma extremamente persecutória.

A gordura, associada à feiura, é uma das formas mais presentes de exclusão social feminina, e é minha intenção, neste artigo, investigar quais as ressonâncias de tal afirmação em diferentes classes sociais. Uma vez que, embutido nas falas de nossas entrevistadas, pudemos perceber significativas diferenças, não aprofundadas anteriormente, por escapar ao escopo das pesquisas previamente realizadas (Novaes, 2006a, 2007, 2008a, 2008b)

Se anteriormente observei que as mulheres das classes média e alta não iam à praia, não saíam de casa, malhavam compulsivamente e negavam qualquer referência a uma sexualidade mais ativa, um simples olhar nos trajes femininos nas ruas das cidades, mostra-nos minissaias, decotes, roupas justíssimas que parecem em nada querer ocultar as “gorduras” que as mulheres mais pobres buscam eliminar nas academias de ginástica de suas comunidades, nas cirurgias plásticas realizadas em hospitais públicos ou na compra dos inúmeros aparelhos vendidos através dos canais televisivos especializados em toda a sorte de produtos voltados para a modelagem corporal.

A importação do modelo californiano de saúde e beleza não seria apenas um fenômeno brasileiro, mas, segundo Malysse (1997), a geografia e a cultura carioca serviram de solo fértil para a absorção destes valores. Segundo o autor, em 1996, a importação de equipamentos esportivos dos Estados Unidos foi da ordem de US\$ 200 milhões, ilustrando perfeitamente a tese de Baudrillard que postula uma passagem do corpo natural ao corpo artificial.

Não escapa à Malysse o vetor ideológico e de exclusão de tais práticas. Como

afirma o autor, o mero custo da frequência a uma academia é um indicador de que as inúmeras publicações existentes na mídia – com o objetivo de informar ao sujeito quais as práticas corporais que lhe ajudarão atingir o corpo ideal – estão voltadas para uma camada mais favorecida da população, revelando a construção de um “corpo de classe”.

Esta é uma afirmação sobre a qual me deterei bastante. Dialogando com Boltanski (1979), procuro mostrar como a “busca de um corpo ideal” está presente em todos os segmentos, mas se atualiza de diferentes formas. Certamente estou me referindo às camadas urbanas, hoje cerca de 85% da população do país¹.

2 | MAPA DE NAVEGAÇÃO OU ALGUMAS DIRETRIZES METODOLÓGICAS

Enquanto em meus trabalhos anteriores ative-me às classes médias e altas da cidade do Rio de Janeiro, pesquisando academias de ginástica, clínicas de cirurgia plástica e cirurgias bariátricas, o presente estudo buscou fazer a análise do discurso de mulheres de comunidades “pobres” cariocas.

Para isto, tomei como campo de pesquisa as academias de ginástica de três comunidades da zona sul carioca; utilizei as falas de suas frequentadoras, contrastando-as com as minhas entrevistadas anteriores². Realizei também, com o valioso auxílio de estagiárias de pesquisa, entrevistas com funcionárias da PUC-Rio, que sedia o Núcleo de Doenças da Beleza³.

Através dele, pude consolidar o atendimento a um espectro muito mais amplo da população, enriquecendo tanto a minha prática clínica quanto a minha formação teórica.

Como sou coordenadora deste Núcleo, que atende às populações menos favorecidas, com transtornos alimentares (anorexia, bulimia, obesidade mórbida, compulsões alimentares e dismorfia corporal, dentre outros), a abordagem clínica não poderia ser deixada de lado. Ainda que não tenha sido o foco privilegiado, minha escuta, sempre atenta aos mecanismos de regulação social, é permeada pela formação clínica, o que sempre me parecera enriquecedor, quando da análise de minhas entrevistas.

Articulando teoria e campo, procedi minha análise do campo pesquisado. Por tratar-se de uma pesquisa contrastiva, sempre que possível, busquei as diferenças encontradas nos discursos referentes ao corpo das distintas classes sociais pesquisadas. Apresento exemplos de falas em que as diferenças são marcantes, busco semelhanças, e procuro dar ao leitor uma descrição pormenorizada da vida nas comunidades onde atuei.

Aponto as especificidades, dificuldades, estratégias e cautelas necessárias.

1 De acordo com dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) 2015 a maior parte da população brasileira, 84,72%, vive em áreas urbanas. Já 15,28% dos brasileiros vivem em áreas rurais.

2 A amostra total de sujeitos dessa pesquisa equivaleu a 300 entrevistadas. Das quais 150 mulheres eram pertencentes às classes mais abastadas e moradoras de bairros nobres da zona sul carioca. A outra metade era constituída por moradores de três favelas cariocas, frequentadoras de academias de ginásticas localizadas nas comunidades pesquisadas. A idade dos sujeitos do campo variavam entre 18 – 59 anos.

3 Centro de pesquisas acadêmicas e atendimento clínico, que faz parte do Laboratório Interdisciplinar de Pesquisas em Intervenção Social –LIPIS. Oferecido como um dos projetos e serviços ligados à Vice-Reitoria Comunitária da PUC-Rio.

Utilizando Geertz, (1978) em suas recomendações acerca de estudos etnográficos, procuro dar ao leitor a melhor visão possível do campo investigado, através das categorias de análise formuladas.

Para Geertz, (op. cit.) não existe o que chamamos de natureza humana independente da cultura. Por isso, ele propõe que se procure, nos próprios padrões culturais, os elementos definidores de uma existência humana. Nesse sentido, o comportamento humano é visto como ação simbólica. A cultura consiste em estruturas de significado socialmente estabelecidas.

Segundo o conceito semiótico de cultura, ela constitui sistemas entrelaçados de signos interpretáveis. Trata-se, então, de um contexto no qual os acontecimentos sociais, os comportamentos, as instituições ou os processos podem ser descritos de forma inteligível, ou seja, com densidade.

O corpo, dizia-nos Lévi-Strauss, (2003) é a melhor ferramenta para aferir a vida social de um povo. Ao corpo cabe algo muito além de ocupar um espaço no tempo. Cabe a ele uma linguagem que se institui antes daquilo que denominamos “falar”, que exprime, evoca e suscita uma gama de marcas e falas implícitas.

Assim, a tarefa de conhecer o homem passa a ser a de descobrir as estruturas conceituais que informam os atos dos sujeitos. Deste modo, compromete-se com o conceito semiótico de cultura e a abordagem interpretativa de seu estudo.

É desta forma que busco entender o corpo nas diferentes camadas sociais. O corpo fala e as marcas nele feitas também. A questão estética se impõe como forma e fôrma, e o que é belo pode vir a ser feio. Da mesma maneira, o belo pode instituir um padrão de feiura. No fundo vivemos no fio de uma navalha, que, tenuamente, separa feiura de beleza.

O corpo, assinala Le Breton, (1985) responderá a uma soma de solicitações da vida social através de gestos, sensações ou sentimentos que o inserem em uma lógica de significações – é esta subordinação relativa à ordem social que dá ao corpo a possibilidade de ser o suporte essencial à vida do sujeito, sem que a vontade deste seja, constantemente, convocada para todas as manifestações da vida cotidiana.

No seio de uma mesma comunidade cultural, os indivíduos dispõem de um registro somático comum (sensações, sentimentos, gestos etc.), que regula as trocas sociais. O homem não pode viver e habitar um universo, que ele não compreende, e o corpo seria o lugar de encontro entre a existência do sujeito e o seu *environment*.

Conforme desenvolvi em meu primeiro livro, (NOVAES, 2006) é no princípio do século XX que o corpo vai reunir o conjunto de discursos que hoje vemos vigorando. Para a ciência do nosso mundo contemporâneo, o corpo é uma das peças centrais de aferição do dispositivo de civilização: cirurgia plástica intensiva, clonagem, manipulação genética etc., independentemente de seus aspectos positivos ou negativos, são medidas de “avanço” da civilização. Um passo adiante em direção ao corpo perfeito, última promessa do processo evolutivo.

Este corpo é, mais do que nunca, o centro do nosso cotidiano, em suas aspirações de saúde perfeita, juventude eterna e beleza ideal. Se suas aspirações individuais são frequentemente criticadas, estas são representativas da cultura dominante, na qual se inscrevem as representações de homem, de corpo e de progresso da ciência. Para Remaury, (2000) o corpo do fim do século XX é mais do que nunca representado como expressão perfeita da evolução: o corpo do homem é a própria imagem de sua cultura.

Há sempre aquela indagação dos antropólogos sobre se devemos ir para o campo *cru* ou *cozido*. Ou seja, devemos nos deixar nortear por alguma teoria ou simplesmente permitir que o campo fale por si só. Em meu caso, acho sempre mais seguro estar minimamente informada, assim como fornecer subsídios ao leitor sobre as teorias que orientaram o meu trabalho.

Isto, contudo, não significa atrelar a fala dos sujeitos a pressupostos previamente estabelecidos ou imaginar que há neutralidade no saber do pesquisador.

Feitas estas breves considerações, gostaria de finalizar com outra observação ainda referente à história e à minha implicação no universo desta pesquisa. Como carioca, vivo cercada por grades, câmeras, ruas públicas fechadas em busca de uma suposta “ordem” que se imagina ameaçada pelas *classes perigosas*. À retidão dos muros contrapõe-se uma arquitetura de becos e vielas, que em muito se assemelha às curvas de minhas entrevistadas.

Observo também que estes corpos por mim olhados mais detidamente agora são historicamente associados ao trabalho, à força, à escravidão – quando não ao crime, sendo muitas vezes deixada de lado a sua dimensão de prazer, de criatividade e de produção de um viver árduo, mas muito sensível.

Não estou *glamourizando* a pobreza, defendendo as curvas da obesidade, que sabemos, como as próprias mulheres disseram, tem fatores de comorbidade altíssimos e já se configura como um problema de saúde pública. Busco apenas um novo olhar que suscita em mim novas perguntas.

Contudo, ouvir a potência destes corpos que são preenchidos por afetos de diferentes intensidades e frequentemente tão distintos dos nossos é, para mim, o principal ponto de uma possível contribuição deste trabalho.

3 | BREVES OBSERVAÇÕES SOBRE FAVELAS NO RIO DE JANEIRO

No Rio de Janeiro, já passa de um milhão o número de habitantes que vivem em favelas, segundo o Censo de 2000 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE (2003). A maior parte das pessoas dessas localidades vive problemas como a pobreza e a falta de acesso a equipamentos sociais suficientes e adequados. Além disso, a violência, envolvendo a venda de drogas e a polícia, pode estar presente em suas vidas.

Segundo Dimenstein, Zamora & Vilhena (2005), é preciso articular territorialidade

e produção de subjetividade, produção de formas de pensar, agir, sentir, de ver e estar no mundo. É fundamental pensar a favela como um território vivido e percebido por crianças, adolescentes e jovens, “um magma de significações” (CASTORIADIS, 1982) capaz de lhes dar sentido e uma identidade, geralmente atravessada pelas significações imaginárias presentes na sociedade que os associa a marginais, delinquentes, bandidos. Ou seja, o território, ao mesmo tempo em que apresenta uma positividade no sentido de possibilitar um reconhecimento social dos sujeitos, é capaz também de criar uma imagem unificada das populações que aí vivem associadas à marginalidade. Falamos, assim, de uma subjetividade confinada em territórios marcados pela violência das desigualdades de oportunidades de vida, a qual fabrica e reatualiza cotidianamente novas expressões.

Contudo, em nosso estudo, gostaríamos também de pensar como esse lugar agencia novas formas de sociabilidade e usos do corpo, que, ilustradas nas falas de nossas entrevistadas, redesenham uma geografia também corporal.

Por tratar-se de uma pesquisa contrastiva, tomo como referência as falas de entrevistadas pertencentes às camadas médias e altas em pesquisas realizadas anteriormente (NOVAES, 2001, 2003, 2004, 2006), contrapondo-as com minhas entrevistadas atuais, que sem nenhum eufemismo vou chamar de *pobres*.

3.1 Um pouco sobre as entrevistas: público x privado? Da visibilidade social

Minhas entrevistas foram feitas em casas, academias de ginástica ou associações de moradores, dependendo da comunidade.

No caso da primeira comunidade pesquisada, o ponto de partida para as minhas entrevistas deu-se no bar do “Seu Nervoso”. Com relação ao nome do estabelecimento, o apelido foi dado jocosamente pelos moradores, pois quando está na hora de fechar e algum cliente inconveniente oferece resistência em sair, o dono dá vários tiros para o alto e todos vão imediatamente embora.

Foi neste mesmo espaço que as primeiras incursões pelo campo ocorreram, como ponto estratégico para que eu fosse, aos poucos, sendo introduzida aos moradores, antes de ser convidada a entrar na casa das entrevistadas. Portanto, posso afirmar que esta pesquisa teve início quando da minha familiarização sobre as formas de sociabilidade e passatempos preferidos que compunham a maneira como utilizavam o tempo de relaxamento e lazer. Todas atividades tinham de alguma forma como ponto de partida o referido bar.

No tocante às entrevistas realizadas, notei uma das diferenças mais marcantes deste estudo contrastivo: nenhuma de minhas entrevistas realizadas na pesquisa anterior teve como cenário a própria casa da entrevistada. Eram escolhidos ambientes neutros que visavam resguardar a intimidade da participante, primando pelo seu conforto, comodidade e, sobretudo, evitando uma exposição compreendida como constrangedora.

Quero dizer com isso que grande parte de minhas entrevistas foi respondida pelo

telefone, num horário previamente agendado com a entrevistada, ou então usando o auxílio de tecnologias como o *e-mail* ou o celular. No caso dos encontros presenciais, a opção das mulheres das classes médias e altas eram os cafés, livrarias, salas de espera de médicos, cirurgias ou então espaços de sociabilidade presentes nas academias de ginástica, como *lounges*, *spas*, espaços de relaxamento e bem-estar.

No caso das mulheres moradoras de comunidades pobres, muito embora houvesse um constrangimento inicial, causado, a meu juízo, pela diferença de classes, percebi uma receptividade bastante calorosa, que deixava clara a importância da visibilidade que imaginavam conseguir através da participação nesta pesquisa. O espaço da entrevista, além de confessional, também era aproveitado para denúncias, reclamações de assuntos concernentes ao cotidiano das favelas, mas que, muitas vezes, fugiam ao escopo do tema abordado.

Nas favelas, ao contrário do asfalto, o tempo é um luxo do qual seus moradores não dispõem. Logo, era compartilhado de forma descontraída e bem mais relaxada. Essas mulheres me pareciam desvelar sua intimidade com bastante naturalidade, uma vez quebrada a barreira inicial da desconfiança.

Comparadas ao primeiro grupo, que mostrava aparente naturalidade ao serem abordadas e talvez por isso sentiam-se à vontade para impor tantas condições para o acontecimento da entrevista, as mulheres do segundo grupo me convocavam a viver um pouco da sua realidade e intimidade, sem restrições! Armários abertos, convites para ir ao forró, baile *funk*, tomar cerveja na birrosca, participar de churrascos na laje e feijoadas de domingo compunham todo um universo que, posteriormente, me evocou inúmeras sensações e colocou em relevo as distinções entre os campos.

Oferecer o espaço da própria casa foi por mim interpretado, salvo o imperioso dado de realidade que evidencia a escassez de espaços de sociabilidade em comunidades carentes, como uma retribuição à escuta das histórias de vida reveladas. Uma moeda de troca estabelecida da seguinte forma: minhas entrevistadas voluntariavam a participação nesta pesquisa e eu, em contrapartida, lhes proporcionava um espaço de escuta atenta e sensível.

3.2 Corpo para que te quero?

O discurso que apresentaremos a seguir traz o desvelamento e a liberalidade, também espelhados nos padrões vestimentares e nos usos do corpo – foco deste estudo. De pé, parada na porta de casa, apontando para o próprio corpo, a entrevistada me recebe dizendo:

Pode entrar, a casa está uma bagunça, o Robson está assistindo futebol aqui na sala, mas a entrevista não é sobre corpo, beleza, essas coisas?... Então, vai entrando, isso aqui é um corpo de portas abertas (J. 25 anos, cantora de forró).

As diferenças mencionadas em relação aos dois grupos nos levam a outra reflexão, que diz respeito à própria noção de público, privado, continuidade, tempo e espaço vivenciados de forma completamente distinta entre os dois segmentos de mulheres pesquisadas.

Notou-se, no primeiro grupo, que a abordagem de determinados temas presentes no roteiro de entrevistas parecia causar certo sentimento de vergonha. Esse foi o caso das perguntas que cotejavam questões referentes à sexualidade e aos usos do corpo, o que explicaria em grande medida a minha motivação para dar início a este estudo de campo.

Se, por um lado, a análise do discurso de mulheres obesas deixou aparecer de forma contundente o peso da exclusão social causado pelo preconceito em relação à gordura, por outro, o discurso das frequentadoras de academias de ginástica e clínicas particulares de cirurgia plástica, minhas primeiras entrevistadas, atrelavam a vaidade à necessidade de estar bem consigo mesmas, em uma postura que facilmente poderia ser classificada de individualista. Enquanto isso, as mulheres das comunidades e dos hospitais públicos⁴ relacionavam seus rituais de beleza, bem como as intervenções corporais que sofriam, ao desejo de manterem-se atraentes para os homens em geral.

Assim, veio à tona a questão do desejo e da captura do olhar como forma de manutenção da posição de objeto de desejo do outro. Em última análise, poderíamos dizer que emergem os primeiros contornos de um discurso que aponta para uma sexualidade mais liberta, na qual são engendrados o uso que fazemos das práticas corporais de embelezamento e a regulação social inerente à construção desses dispositivos – eis o mote desta investigação: para quê e para quem construímos um corpo, o nosso corpo. Como bem aponta Medeiros, (op. cit., p. 13) a estética assume uma função que atende a dois propósitos: mitigar a angústia diante do vazio e consubstanciar o objeto do desejo.

3.3 Táticas e Estratégias

Fui outro dia no posto (de saúde) porque já tava há uns dias com muita dor de cabeça e meu cunhado disse que podia ser pressão alta. O médico disse que preciso perder vinte quilos e que devo fazer exercício regularmente antes de ir pro serviço. Agora veja bem: falei pra ele que sei que estou gorda, nem precisava ir lá pra ouvir isso, bastava abrir o Instagram, checar meu feed ou, simplesmente, assistir à novela da Globo ou da Record. Falei também que tá faltando água aqui na comunidade e que por isso já tinha que subir umas três vezes por dia essa escadaria toda. Ele me disse que de nada adiantava subir isso tudo e comer angu com torresmo no fim de semana e macarrão com biscoito de maisena no trabalho. Aqui no morro não tem academia, o que salva é o sacolão (Kombi que fica parada, certo dia da semana, em frente à entrada principal da comunidade, bendendo frutas, legumes e verduras). (A. 45 anos, babá)

Outra entrevistada nos mostrou como o discurso do culto ao corpo é democrático, ainda que os resultados não o sejam. No trecho a seguir, a jovem deixa claro a quão

⁴ Ver Novaes (2006a).

enredada estava diante da profusão de imagens de belos corpos, mostrando submeter-se a um imenso sacrifício em nome da beleza – mesmo depois de um dia exaustivo de trabalho:

Vou te falar, quando o trampo é brabo, nos dias de três faxinas em casas diferentes, chega a dar um desânimo pra malhar. Vou no ônibus pensando na pilha de roupa que tenho pra lavar quando chegar em casa e mais a merenda dos meninos pra preparar, mas aí vou olhando as fotos daquelas “mulheres capa de revista” pelo caminho e penso: pô, tenho que tá gostosa pro baile de sábado e pra praia do domingo – quero pegar muuuuito! Aí então, nem passo em casa, já vou direto pra academia puxar uns ferros, pois no morro homem gosta de mulher reforçada (L., 24 anos, faxineira e empregada doméstica).

Ainda que muitas das entrevistadas reconheçam o esforço que significa malhar (sobretudo após fazer a faxina de três casas), é interessante observar por que e para quem elas malham.

Malho para mim, para me sentir bem. Quando como, não malho e fico em casa sem gastar, me sinto culpada (B, 22 anos, estudante universitária).

Aqui na comunidade não tem academia, então a série que eu faço é na laje mesmo, quando chego do serviço. Copiei de uma revista que tem na sala de espera do consultório onde eu trabalho. Os pesos o meu cunhado improvisou com cabo de vassoura e lata de Suvinil e o step são dois tijolos que subo e desço em três séries de dez – tchutchuca que se preze tem que ser popozuda (M.A., 29 anos, secretária de consultório dentário).

Se o discurso do corpo atinge a todas, é interessante notar que no segundo grupo a beleza não está associada à magreza e sim à fartura ou a curvas bem delineadas – vide exemplo dado pelas entrevistadas fazendo alusão às mulheres reforçadas e popozudas, em referência clara a uma silhueta mais curvilínea.

Já nas camadas altas, basta lembrar a célebre frase proferida pela apresentadora de televisão Adriane Galisteu, 34 anos na época, a um famoso programa de entrevistas: “quando sou chamada de gostosa já sei que é preciso fechar a boca.”

Nesse contexto, não é correto interpretar a gordura como a forma mais representativa de feiura. Logo, ser chamada de *gostosa* é algo almejado por essas mulheres, pois as coloca na posição de objeto de desejo. Mais ainda, sem defender a obesidade, naquelas mulheres contrárias aos ideais de magreza, os parâmetros estéticos estão estreitamente vinculados à sexualidade.

Há uma extrema diferença quando as classes sociais são contrapostas. Na primeira pesquisa, quando indagadas sobre qual o programa favorito, a maioria citou sair para jantar, estar com amigos, ir a uma festa, seduzir todo mundo e não ficar com ninguém e outras respostas sem nenhuma referência à sexualidade. Isto me levou, na ocasião, a jocosamente afirmar que “pelo menos as históricas de Freud podiam comer chocolate”. Claro está que o fator econômico não pode nem deve ser ignorado, mas o inconsciente

também não. Como veremos adiante, o grande temor parece ser a ausência de carnes, o que levanta suspeita sobre a carência e a falta de prosperidade, onde haveria, aí sim, a ausência de desejo.

Exemplos como Byoncé, Ivete Sangalo, Vivianne Araújo, Paolla Oliveira e Iza foram citados como modelos de beleza a serem seguidos, pelo volume das coxas, corpão violão, cinturinha fina, quadris largos e glúteos avantajados. Nada de “mulher cabide”, como se referiam ao modelo estético almejado pelas camadas mais abastadas.

Ao invés de figuras como Gisele, Grazi ou Pugliese, que simbolizam a personificação do que chamamos da tríplice aliança – seca, sarada e definida (NOVAES, 2006a) –, o ideal defendido era o corpo torneado e tonificado sem, no entanto, perder suas curvas. Ao contrário da androginia, a exaltação da diferença anatômica entre os gêneros. Homens fortes e mulheres *deliciosas*, prontas para serem devoradas, para ser fiel ao termo que surgia de forma recorrente nesta segunda pesquisa.

Malho pra ficar gostosa, pois no baile, colega, neguinho só quer filé5! (K., 23 anos, doméstica).

Hoje em dia o corpo da moda é fat free ou então, como costumamos dizer no mundo da moda, mulher frango: muito peito e baixíssimo percentual de gordura (C., 34 anos, personal stylist).

Desta vez, nossas entrevistadas nos informam sobre as escolhas dos homens para os quais se arrumam. Um bom prato de filé, recheado de gordura, lhes parece bem mais apetitoso e convidativo quando comparado a um frango *light*.

É importante ressaltar que o chamado “recrutamento” das entrevistadas era bastante facilitado nas comunidades que apresentavam reproduções bem acabadas e criativas das academias de ginástica do asfalto. Isto porque esses ambientes exibiam, naturalmente, uma concentração de pessoas insatisfeitas com a própria aparência e que desejavam aprimorá-la através da prática corporal da ginástica.

No tocante a esses espaços, diferentemente do que observei em pesquisa anterior (NOVAES, 2004), não houve qualquer constrangimento, pudor ou intenção de ocultar o uso de substâncias ilícitas.⁶ Quando comparadas às mulheres de outros extratos sociais, as moradoras das comunidades pareciam não ter consciência dos riscos aos quais se submetiam pela prática de exercícios físicos mal orientados por profissionais pouco qualificados e inexperientes.

E aí retomamos um pouco Boltanski, quando este nos fala da distância do saber médico e das práticas nas camadas populares. Mas a indagação permanece. Certamente, não é por falta de informação acerca dos riscos envolvidos que os frequentadores das melhores academias de ginástica da zona sul tomam “bombas”, “*fat burners*” e todo tipo de

5 Gíria local utilizada para designar mulher bonita ou bastante atraente.

6 Medicamentos proibidos pela ANVISA e que não tinham eficácia comprovada ou, ao contrário, que se provaram ineficientes no seu propósito.

complemento sem qualquer comprovação científica de eficácia.

Há aí um mimetismo, adequado às condições financeiras, que franqueia a essas mulheres os milagres dos *shakes*, pílulas e aparelhos tão bem anunciados nas diferentes mídias.

Comprei com o professor da academia, por quatorze reais, este shake que dura duas semanas. Preciso perder quatro quilos, foi o que ele disse. Você toma esse negócio de manhã e na hora de dormir ainda tá com aquele troço pesando na barriga. Fico pensando como é que pode, parece que eu comi um boi, porque eu faço faxina o dia inteiro, em duas e às vezes até em três casas por dia, quando surge um biscate. Reparei que ando com a maior disposição, esse treco dá o maior gás. Antes de tomar me sentia cansada pra malhar depois do trabalho, agora malho pesado. Quero ficar com um corpão, gostosa, porque não gosto de mulher seca. Tô malhando pra ficar com as coxas da Vivianne Araújo (S., 28 anos, faxineira).

Se as falas acima podemos creditar ao desconhecimento, como interpretar o discurso de minhas entrevistadas anteriores?

Usar todo mundo usa, mas na minha academia e entre os meus amigos, ninguém admite, até porque a gente sabe que faz mal. O problema são as atrizes da Globo, todas com aquele corpaço, sequinhas e saradas, dizendo que mantêm a boa forma apenas com uma leve caminhada no calçadão e um copo d'água em jejum. Aí é o fim né! (A., 48 anos, advogada).

Nota-se, contudo, no caso das mulheres das classes médias e altas, que apesar da dimensão do risco existir em decorrência de serem detentoras de um maior capital cultural, grau de escolaridade etc., ele é banalizado em função da adesão maciça ao discurso médico. Contrariando a proposição de Boltanski (op. cit.), enquanto as primeiras viravam reféns do discurso médico, eram justamente as mulheres mais carentes que buscavam linhas de fuga a esse discurso, que frequentemente oculta determinadas informações e desacredita o saber popular.

Comparemos as falas:

Os médicos justificam a falta de informação dizendo que se falar muito a respeito da cirurgia, esmiuçando os detalhes técnicos, o paciente desiste do procedimento. Eu concordo, se soubesse como é doloroso o pós-operatório não teria tido coragem. Por isso, quando perguntamos na consulta como será a recuperação, eles dizem que é tudo simples, rápido e descomplicado. Costumo dizer que o que vendem nas clínicas particulares é uma espécie de cirurgia take away – você vai, se interna na hora do almoço, toma uma anestesia local e à noite já vai para casa (I., 36 anos, webdesigner).

Lá no hospital, os residentes do ambulatório não sabiam, mas para otimizar os resultados do pós-operatório, sugeria uns emplastos e uns cremes que a minha avó, que era índia, costumava usar (L., 58 anos, assistente de enfermagem. In: NOVAES, 2004).

“Eu sei que vou morrer mais cedo, mas tudo bem: até lá eu vivo magra”, nos fala L., 53 anos, professora universitária, acerca das bombas, anfetaminas e *fat burners* que toma em sua academia.

Curiosamente o Brasil lidera o ranking mundial no consumo de anorexígenos⁷ (inibidores de apetite) e possui estatísticas alarmantes em relação à obesidade, com índices de crescimento preocupantes especialmente no tocante à obesidade infantil.

Atualmente, no Brasil, estima-se que o percentual de obesos⁸ gire em torno de 15% da população e o de pessoas com sobrepeso já some algo entre 25 e 30%.⁹ Ou seja, juntas, essas categorias correspondem a 45% da população brasileira, o que torna o Brasil o segundo no ranking mundial, perdendo apenas para os Estados Unidos, cuja população de obesos e de indivíduos com sobrepeso equivale a 65% do total da população.

Doutora, quando achava que tava gorda sempre ia à farmácia comprar Coscarque ou então um laxante do tipo Naturetti. Agora tá mais difícil, a vigilância tá enchendo o saco, tiraram do mercado esses produtos e o resto que tinha no estoque o dono da farmácia fica com medo, mas todo mundo aqui sabe onde compra sem receita esses remedinhos para emagrecer (E., 42 anos, garçõnete).

Ela finaliza o depoimento contando a opinião do seu namorado a respeito do assunto: *“acho melhor dividir o meu filé, que comer osso sozinho”*.

Rodin disse certa vez (citado em ECO, 2004) que não era a beleza que faltava aos nossos olhos, mas estes é que falhariam em não a perceber. Interessante pensar na feiura como uma “falha” do olhar. Parece que nossas entrevistadas não vivem no seu cotidiano a mesma “falha” que suas colegas de classes mais altas.

Para Freud, (1930;1915;1914) beleza e atração seriam atributos idênticos e referidos ao objeto do desejo sexual. Belo é o que atrai o olhar. Ora, se “beleza e atração são idênticos” e o sujeito feminino é aquele que se define por exercer a atração, então ser bela é uma condição e uma imposição para tal posição subjetiva. O escultor tem razão: não é a beleza que falta aos nossos olhos e sim o desejo que se ausenta de nosso olhar; é disso que nos falam nossas entrevistadas, situadas em posições subjetivas bastante distintas.

7 Fonte: Relatório da Junta Internacional de Fiscalização de Entorpecentes (JIFE). De acordo com o relatório, no período entre 2002 e 2004, o Brasil registrou um consumo diário de 9,1 doses de anorexígenos por grupo de mil habitantes, superando o consumo de países como Estados Unidos (7,7 doses diárias por mil habitantes), Argentina (6,7 doses diárias por mil habitantes) e Coreia do Sul e Cingapura (ambos com 6,4 doses diárias por mil habitantes). Março, 2006. Disponível em: <http://www.incb.org/incb/index.html>,

8 Sobrepeso é quando o Índice de Massa Corporal (IMC) está entre 25 e 30. Para que a pessoa seja considerada obesa, o IMC deve estar acima dos 30. O resultado é obtido pela divisão do peso pela altura ao quadrado. O IMC normal é o que aponta resultados entre 18 e 25.

9 Fonte: “Avaliação da função endotelial, da reatividade microvascular e do estresse oxidativo em pacientes com sobrepeso ou obesidade”. Pesquisa realizada pelo LPM (Laboratório de Pesquisas em Microcirculação), LIB (Laboratório de Instrumentação Biomédica) e Nesa (Núcleo de Estudos da Saúde do Adolescente), todos vinculados à Universidade Estadual do Rio de Janeiro – UERJ e coordenados pela Profa. Dra Eliete Bouskela com apoio da FAPERJ. Fevereiro de 2007. Disponível em: http://www.faperj.br/boletim_interna.phtml?obj_id=3441

Quando uma gordinha se aventura a entrar numa boate ou andar pela rua com uma roupa sensual tem que fingir que não percebe os risinhos, os cochichos, ser alvo das pessoas apontando na rua, como se estivessem numa apresentação de circo, boquiabertas, onde são apresentadas a coisas exóticas, bizarras, aberrações da natureza. (M., 25 anos, engenheira).

Eu, hein! Imagina se vou cair nesta onda de modelo. Lá no beco ninguém ia nem ver eu passar (W., 38 anos, telefonista).

Certamente, ter um corpo jovem e esguio poderá garantir mobilidade social, o que, obviamente, traria visibilidade – um dos valores essenciais na cultura do espetáculo e do consumo. Por essa razão, também não desconsideramos o corpo como um capital valioso no mercado de trabalho, lócus de investimento e moeda de troca para este grupo de mulheres.

Tampouco ignoramos ou desprezamos as estatísticas que nos informam a crescente incidência de transtornos alimentares nas classes populares. Como coordenadora de um núcleo que oferece atendimento terapêutico à população de baixa renda com transtornos alimentares, constato diariamente a mudança no perfil dos pacientes acometidos pelas mesmas. Transtornos como anorexia e bulimia nervosa, que há poucas décadas eram definidos pela psiquiatria como quadros clínicos predominantemente característicos de países ricos, na contemporaneidade apresentam um crescimento exponencial nas camadas populares.

3.4 Ser magra não é para qualquer uma

É um grande paradoxo pensarmos que a obesidade constitui um dos maiores problemas de saúde pública do Brasil, pois o país até bem pouco tempo ocupava posição de destaque nos índices de desnutrição de sua população.

Atualmente, estamos nos tornando um país de obesos – um exemplo paradigmático é encontrado nas estatísticas que refletem os índices de obesidade infantil, que crescem cerca de 8% anualmente. Cada vez mais, constatamos um corpo de classes – manter-se magro é para poucos, apesar da criatividade e do jeitinho!

Uma colega minha, que está uns dez quilos mais gorda que eu, tá conseguindo perder peso, pois dorme durante a semana na casa que trabalha como diarista, então consegue comer aquelas comidas de dieta da patroa. Em compensação o filho dela... bom, o moleque tá uma baleia. Fica difícil para ela comprar legumes e verdura – é muito caro. Aí soma o fato dela não ter como carregar o menino para o trabalho. Resultado, o garoto depois que chega da escola fica o dia inteiro enfurnado dentro de casa, assistindo televisão ou no computador da lan house comendo biscoito recheado. À noite, quando os irmãos chegam, tá todo mundo cansado e mandam ver no macarrão que é mais prático, pois é fácil, barato e rápido de fazer já que chega todo mundo exausto do trabalho. (A., 42 anos, trocadora de ônibus).

Hoje me alimento dos elogios que recebo. Quando vou a festas e jantares faço uma opção – ou champagne ou comida (H., 45 anos, arquiteta).

Sem sombra de dúvida, quando decidimos investigar os hábitos alimentares nas classes populares uma tônica recorrente refere-se ao custo demasiadamente alto que significa ter uma alimentação saudável e balanceada. Conforme apresentado no relato acima, bem como nos que ainda virão, a escolha dos alimentos que constarão na dieta de nossas entrevistadas está, indiscutivelmente, ligada ao custo de determinados produtos e ao poder aquisitivo que possuem.

Na presente pesquisa, contudo, observamos outros valores ligados à gordura. Talvez o mais representativo seja a prosperidade. Portanto, no universo pesquisado, comer em excesso ainda significa a ausência de um estado de privação e miséria absoluta, o que dificulta, imensamente, a mudança dos hábitos alimentares.

Tenho pavor desse negócio de dieta. Outro troço que me dá um nervoso, chega o coração a apertar e dá nó na garganta, é ver meus filhos pedirem algo para comer e eu não poder dar. Outro dia voltando com o Anderson para casa, ele é o meu do meio que tem 8, quando saltamos do ônibus ele me pediu um churrasquinho que viu um cara na barraquinha do outro lado da rua vendendo. Só tinha o dinheiro da passagem e o dinheiro para o meu remédio de pressão que não posso ficar sem tomar. Nem pensei duas vezes, comprei na hora. Sei que não devia ter feito isso, pois se eu morrer quem vai cuidar do meu menino, mas na hora pensei: poxa, quando eu me deitar à noite na cama não vou conseguir dormir pensando que meu filho tava com fome. Achei melhor me sacrificar. Quando é brinquedo ainda vai, é duro, o coração apertado, dá aquela revolta, aquele desânimo de trabalhar e não sobrar nada, mas comida..... só mãe entende, se pudesse colocava eles todos no peito novamente, pois aí teria a certeza que não passariam fome hora nenhuma. (I., 48 anos, cozinheira).

Desnecessário, a meu juízo, lembrar do fator econômico como um dos piores inimigos na manutenção de uma dieta saudável e pouco calórica. Os relatos acima não deixam margem para qualquer dúvida. De forma análoga, tal fato justifica as variações que os padrões estéticos assumiram no decorrer da história, o que, por consequência, definiu a relação que o sujeito, individualmente, bem como as classes sociais, desenvolveu com a comida, com o trabalho e com o próprio corpo.

Quero dizer com isto que, embora as mulheres das classes populares tenham acesso à produção imagética difundida pela mídia, sendo, inequivocamente, afetadas pelo discurso do culto ao corpo, ambos agenciadores de subjetividade, algumas nuances muito interessantes acerca do imaginário social deste campo foram aos poucos se delineando.

Produto light e diet é coisa pra madame. Vai olhar a cesta básica: só tem óleo, arroz, feijão, farinha, macarrão, pão. Depois, a gente vai ao posto e o médico diz que tem que comer frutas, verdura, queijo branco. Eu pergunto logo: o senhor vai comprar? Lá em casa estamos aceitando doações! (J., 48 anos, cabelereira).

Faço uma dieta bastante restritiva e rigorosa. Atualmente, me alimento muito mais dos elogios que recebo (M., 46 anos, designer).

4 | INCONCLUSÕES OU O CORPO ACOMPANHA A GEOGRAFIA DO LUGAR

Segundo Marc Augé (1994), os “lugares” são fundamentais porque são identitários, relacionais e históricos. Os sujeitos ligam-se aos lugares e os reconhecem no curso de sua vida. Há o lugar onde se nasceu, aquele de onde se vem, onde se trabalha, o lugar onde se mora. Isto significa que o espaço pode ser simbolizado, ou seja, pode ganhar um lugar representacional no imaginário do sujeito.

O espaço torna-se, então, um campo de construção da vida social onde se entrecruzam, no tempo plural do cotidiano, os fluxos dos acontecimentos e o incontável arsenal de objetos técnicos. Cada espaço é, portanto, global e particular; expressa o mundo e as condições próprias, singulares, de sua constituição (VILHENA & SANTOS, 2000).

Se cada lugar espelha a realidade e os costumes de diferentes espaços físicos, seus arsenais técnicos e imaginários, seria possível fazer uma analogia com a topografia do lugar onde esses corpos são produzidos? Como dissemos no capítulo anterior, assim como o corpo, a geografia da cidade é também um lugar de trocas.

E como é viver em um lugar em que as trocas são tão controladas e o espaço tão vigiado? Segundo Vilhena (comunicação pessoal), talvez possamos pensar que em territórios estreitamente vigiados como as favelas (seja pela polícia, seja pelo narcotráfico ou pelas milícias), onde o estado de anomia vivenciado nessas localidades tenha como seu resultado mais efetivo o uso da lei como um instrumento de vingança das elites, as linhas de fuga são reduzidas, mas felizmente não são inexistentes.

Talvez, neste contexto, possamos pensar o corpo como um dos últimos redutos de resistência ao controle exercido. Este corpo que é tantas vezes maltratado, torturado e explorado, não se deixa reduzir a ser apenas isto – é também um corpo do prazer negado em quase todas as outras esferas da vida, do lúdico e do político.

No caso das comunidades que visitei a inconstância e a imprevisibilidade dão ao corpo características distintas, revestindo-o de uma maleabilidade/plasticidade fundamental, não somente para a sua sobrevivência, como também para a saúde psíquica dos sujeitos que ali vivem. A narrativa a seguir revela como a geografia corporal estaria imiscuída à geografia física, refletindo, inclusive, as diversas formas de viver do sujeito. Nas palavras de W., 35 anos, professora primária da rede pública e líder comunitária:

Você me perguntou que tipo de corpo eu acho bonito e qual gostaria de ter. Eu te respondo o seguinte, acho que funciona assim: lá no asfalto tudo é reto, aberto, espaçoso, nada falta e quando tem confusão tratam logo de consertar, ou seja, o cara que vive lá embaixo tem segurança. Já aqui em cima a coisa rola diferente, o terreno é acidentado, apertado, cheio de becos e ruelas, nada é reto, tem muita coisa errada, mas as autoridades não se

empenham em resolver. O que isso tudo tem a ver com a sua indagação? Ao invés de responder que corpo gostaria, uma professora do morro deveria dizer pra do asfalto que corpo é possível ter, já que o lugar que eu moro não é como gostaria. Preciso ser sinuosa, não posso ser reta, caso contrário não sobreviveria mais do que dois dias por aqui. Então eu acordo e todo dia de manhã me pergunto: com que corpo eu vou enfrentar a realidade?

REFERÊNCIAS

AUGÉ, M. **Não-Lugares: Introdução a uma antropologia da supermodernidade**. Campinas: Papius, 1994.

BOLTANSKI, L. **As classes sociais e o corpo**. São Paulo: Graal, 1979.

CASTORIADIS, C. **A instituição imaginária da sociedade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

DIMENSTEIN, M.; ZAMORA, M. H & VILHENA, J. “Sobre a vida dos jovens nas favelas cariocas. Drogas, violência e confinamento”. **Revista do Departamento de Psicologia da UFF**, Niterói, v. 16, n. 1, pp. 24-39, 2005.

ECO, H. **Histoire de la Beauté**. Paris: Flammarion, 2004.

_____. **História da Feiura**. Rio de Janeiro: Record, 2007.

FREUD, S. “Sexualidade feminina”. In: **Edição Eletrônica Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**, vol. XXI. Rio de Janeiro: Imago, 2000 (1931).

_____. “O Mal-estar na civilização”. In: **Edição Eletrônica Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**, vol. XXI. Rio de Janeiro: Imago, 2000 (1930).

_____. “Sobre a transitoriedade”. In: **Edição Eletrônica Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**, vol. XIV. Rio de Janeiro: Imago, 2000 (1916 [1915]).

_____. “Sobre o narcisismo: uma introdução”. In: **Edição Eletrônica Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**, vol. XIV. Rio de Janeiro: Imago, 2000 (1914).

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1978.

LE BRETON, D. **Corps et sociétés: essai de sociologie et anthropologie du corps**. Paris: Librairie des Meridiens, 1985.

_____. **Antropologia del cuerpo y modernidad**. Buenos Aires: Nueva Visión, 2002.

_____. **A sociologia do corpo**. Petrópolis: Vozes, 2006.

LÉVI-STRAUSS, C. **Antropologia estrutural**. São Paulo: Tempo Brasileiro, 2003.

MALYSSE, S. (1997) "A la recherche du corps ideal: culte féminin du corps dans la zone balnéaire de Rio de Janeiro". **Cahiers du Brésil Contemporain**. Paris, n. 31, pp. 157-174, 1997.

MEDEIROS, S. O belo e a morte. Uma abordagem psicanalítica sobre a estética e o sujeito feminino. Tese de Doutorado. Departamento de Psicologia. PUC-Rio, 2005.

NOVAES, J. V. "Vale quanto pesa. Sobre mulheres, beleza e feiura". In: CASOTTI, L.; SUAREZ, M. & CAMPOS, R. D. (orgs.). **Tempo da beleza: consumo, comportamento feminino, novos olhares**. Rio de Janeiro: Ed. Senac/L'oreal, 2008a.

_____. "Sobre a tirania da beleza". **Revista Polêmica**, v. 18, 2007a. Disponível em: <http://www.polemica.uerj.br/pol18/oficinas/lipis_4.htm>

_____. "Autorretrato falado. Construções e desconstruções de si". **Latin American Journal of Fundamental Psychopathology On Line**, vol. 7, n. 2. São Paulo: Associação Universitária de Pesquisa em Psicopatologia Fundamental, 2007b. Disponível em: <http://www.fundamentalpsychopathology.org/journal/07-11/2-1_res.html>

_____. **O intolerável peso da feiura. Sobre as mulheres e seus corpos**. Rio de Janeiro: Ed. PUC/Garamond, 2006a.

_____. "Sobre o sofrimento de ser feia. Mulher, beleza e regulação social". **Espaço S. Revista de Investigação e Intervenção Social**. Portugal, 2006c.

_____. "Quando a praia não é para todos. Corpo, sociabilidade e exclusão". In: VILHENA, J.; VIEIRALVES, R. & ZAMORA, M. H. (orgs.). **As cidades e as formas de viver**. Rio de Janeiro: Ed. Museu da República, 2005a, pp. 83-110.

_____. **Ser feia, ser mulher, ser excluída**. 2005b. Disponível em: <<http://www.psicologia.com.pt/artigos/textos/A0237.pdf>>

_____. **O dever moral de ser bela: feiura e exclusão social**. 2005c. Disponível em: http://www.abihpec.org.br/noticias_texto.php?id=830

_____. "Mulher e beleza: em busca do corpo perfeito. Práticas corporais e regulação social". **Tempo Psicanalítico**. Rio de Janeiro: SPID, 2001b, n. 33, pp. 37-54.

_____. "Sobre uma falta que o excesso não cobre. Reflexões clínicas acerca de uma jovem obesa e suas relações familiares". **Revista do Departamento de Psicologia**. Fortaleza: UFC (no prelo).

NOVAES, J. & VILHENA, J. "Dormindo com o inimigo. Mulher, feiura e a busca do corpo perfeito". **ComCiência**, n. 78, 2006. LABJOR UNICAMP/SBPC. Disponível em: <<http://www.comciencia.br/comciencia/handler.php?section=8&edicao=15&id=144>>

_____. "Enfermedades de la belleza: la fealdad intolerable". **Psicoanálisis y el Hospital**, v. 12, n. 24. Buenos Aires: Psychos, 2003a, pp. 38-43.

_____. "De Cinderela à Moura-Torta. Sobre a relação mulher, beleza e feiura". **Interações**, v. III, n. 15. São Paulo: Unimarco, 2003b, pp. 9-36.

REMAURY, B. **Le beau sexe faible. Les images du corps féminin entre cosmétique et santé**. Paris: Grasset & Fasquelle, 2000.

VILHENA, J. & NOVAES, J. V. “Un corps à la recherche d’un logement. Corps, violence et médecin”. In: **Le corps contemporain: créations et faits de culture**. Paris: L’Harmatan, 2009, pp. 113-136.

_____. & NOVAES, J. V. “O corpo e suas narrativas. Culto ao corpo e envelhecimento feminino”. **Psychologica**, n. 50. Coimbra, 2010, pp. 85-96.

VILHENA, J.; NOVAES, J. V. & ROCHA, L. “Comendo, comendo e não se satisfazendo – apenas uma questão cirúrgica? Obesidade mórbida e o culto ao corpo na sociedade contemporânea”. **Revista mal-estar e subjetividade**, v. 8, n. 2, pp. 379-406, 2008.

VILHENA, J.; MEDEIROS, S. & NOVAES, J. V. “Médios de comunicación, estética y valor económico”. **Psychoanalysis y el Hospital**, n. 29. Buenos Aires, 2006, pp. 67-73.

_____. “A violência da imagem. Estética, feminino e contemporaneidade”. **Revista mal-estar e subjetividade**, vol. VI, n. 2. Fortaleza: UNIFOR, 2005.

_____. & SANTOS, A. “Clínica psicanalítica com comunidades. Um desafio contemporâneo”. **Cadernos do Tempo Psicanalítico**, n. 32. Rio de Janeiro: SPID, 2000, pp. 9-35.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Adaptações 81, 120, 129, 135, 157, 169, 184
Adolescência 21, 56, 168, 169, 170, 172, 173, 175, 177, 178
Adultos 6, 50, 52, 55, 56, 57, 63, 99, 104, 135, 140, 141, 175, 245
Anne Desclos 9, 10, 16
Atuação do psicólogo 7, 74, 75, 76, 81, 90, 94, 106, 114, 118, 185, 193
Autoexpressão 58, 62
Automedicação 8, 51, 56, 132, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 141

B

Bebê 7, 25, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 154, 156, 157, 163, 164
Bem-Estar 38, 63, 83, 98, 106, 109, 113, 115, 116, 117, 120, 121, 122, 123, 131, 135, 158, 208, 213, 226, 228
Bioenergética 58, 59, 63, 105

C

Cardiologia 76, 90, 91, 94
Classe Social 6, 32, 205
Clínica psiquiátrica 74

D

Depressão 6, 58, 59, 60, 61, 62, 64, 86, 91, 92, 104, 108, 110, 111, 128, 132, 136, 140, 154, 222
Diagnóstico Institucional 7, 119, 120, 123, 124, 130

E

Enfrentamento 7, 84, 86, 111, 113, 117, 119, 120, 122, 123, 125, 129, 130, 164, 176, 212
Escuta 9, 13, 19, 21, 22, 23, 24, 26, 27, 29, 30, 34, 38, 50, 52, 55, 82, 90, 92, 93, 94, 95, 96, 188, 190, 203, 214
Estética 6, 8, 17, 32, 35, 39, 48, 49

F

Feminino 9, 12, 13, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 43, 48, 49
Freud 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 9, 10, 13, 16, 17, 18, 19, 20, 24, 27, 31, 40, 43, 47, 92, 96, 160, 164

G

Grupos terapêuticos 7, 74, 75, 76, 79, 80, 81

I

Idoso 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 112, 117

Idosos 7, 8, 87, 88, 106, 109, 110, 111, 112, 115, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 140, 141, 163, 245

Imagem Corporal 32, 95

Independência 83, 103, 158, 162, 163

Interdisciplinaridade 66, 67, 68, 71, 72, 73

Isolamento Social 5, 7, 8, 106, 108, 109, 112, 115, 121, 128, 132, 137, 138, 154, 159

J

Jung 66, 67, 68, 70, 71, 72, 73

L

Literatura erótica 9, 12, 13, 16

M

Mãe 24, 25, 29, 45, 61, 62, 63, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 154, 155, 156, 157, 158, 159, 160, 161, 163, 164, 174, 175, 221

Massagem 98, 101, 103, 104, 105

Medicamentos 41, 51, 56, 63, 81, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 141

P

Pandemia 7, 106, 108, 109, 110, 111, 113, 117, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 137, 139, 143, 144, 149, 150, 217, 223

Perdas 59, 83, 84, 87, 88, 158

Processamento Simbólico-Arquetípico 66, 70, 73

Psicanálise 6, 2, 7, 8, 10, 11, 13, 17, 18, 20, 21, 22, 23, 26, 27, 31, 32, 50, 89, 92, 96, 164, 184, 215, 249

Psicologia Analítica 6, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73

Psicologia Hospitalar 90, 96

Q

Queixa escolar 6, 50, 52, 56, 57

R

Recém-Nascido 98, 103

Reforma Psiquiátrica 74, 75, 76, 77, 78, 81, 82

Relato de experiência 50, 52, 90

S

Saúde da população idosa 132, 139

Sexualidade 2, 3, 9, 12, 13, 33, 39, 40, 47, 94

Socioeducação 21, 30

Subjetividade 6, 6, 10, 11, 32, 37, 45, 49, 117, 135, 143, 189, 205, 208, 213

T

Transdisciplinaridade 66, 67, 68, 69, 71, 72

Transferência 21, 22, 23, 26, 27, 28, 29, 73

V

Vegetoterapia 58, 61, 63, 64


Vínculo 2, 3, 21, 23, 26, 27, 30, 86, 98, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 205, 213

A Pesquisa em Psicologia:

Contribuições para o
Debate Metodológico

 www.atenaeditora.com.br

 contato@atenaeditora.com.br

 @atenaeditora

 www.facebook.com/atenaeditora.com.br

A Pesquisa em Psicologia:

**Contribuições para o
Debate Metodológico**

 www.atenaeditora.com.br

 contato@atenaeditora.com.br

 @atenaeditora

 www.facebook.com/atenaeditora.com.br